

O Tornozelo



Olhava para a fita da sandália à volta do tornozelo dela. A perna estreitava, o tornozelo era fino, dava a sensação de que poderia fechar a mão à sua volta. A fita rodeava o tornozelo sem o apertar. Não a magoava. Ela mexia o pé distraidamente, como se lhe desse prazer sentir o roçar da fita na pele. As duas suaves, pele e fita. Não a magoava, não tinha marcas da fita no tornozelo.

O peito do pé descrevia uma curva acentuada e acabava abruptamente tapado pela sandália. Via-se o início dos dedos mais pequenos, numa indiscrição que era quase obscena, como se de um decote pronunciado se tratasse. Não a magoava. Não havia marcas, a pele deleitava-se com o vaivém da sandália provocado pelo abanar do pé.

Inclinou-se para a frente na cadeira, fascinado por aquele tornozelo, por aquela fita. Não conseguia tirar os olhos e esteve quase a mandar calar todos os que falavam à sua volta. Queria perceber se se ouviria o som da pele a ser roçada pela fita da sandália.

De repente chamaram-no. Apercebeu-se do estranho da situação. Será que o viram a olhar para o tornozelo dela? Por que estava a olhar para o tornozelo dela? Demorou uns segundos a voltar à realidade daquele jantar, aos amigos que o interpelavam, à conversa animada. Iriam achar que estava preocupado, cansado, o habitual. O tornozelo dela.

Passou a noite com a imagem daquela fita a roçar a pele. Quase lhe sentia o toque, quase ouvia o som. Olhava para ela por cima da mesa e imaginava o vaivém do pé. Estaria em descanso? Estaria perto da perna dele? Tentou concentrar-se na conversa mais uma vez. Apetecia-lhe começar a falar de sapatos, mas não encontrava uma deixa. Apetecia-lhe vê-la calçar-se, passar os dedos das mãos pelo tornozelo, deixar um dedo ficar entre a fita e a pele.

Estava a ir longe demais. Aquele tornozelo não lhe pertencia. Não lhe pertenceria. Ainda não o sabia, mas perdia-se por ele. O absurdo de pensar num tornozelo.

Desde quando a conhecia? Desde sempre. Ou pelo menos desde que a vida começa a contar como tal. Ou a descontar, talvez seja esse o caso. Eram amigos. Ou tão amigos quanto um homem e uma mulher que se encontram em jantares animados várias vezes por mês podem ser. Não partilhavam confidências. Não se interrogavam em conjunto sobre o sentido da vida. Isso é amizade entre mulheres. Sabiam o que cada um fazia, conheciam a vida familiar um do outro. A casa de cada um. Não mais.

Nem gostava especialmente dela. Havia até muitos traços de carácter nela que o irritavam. Como se nada

a tocasse realmente. Como se a vida apenas lhe aflorasse a pele como a tira do sapato. Não a magoava. Não deixava marcas. Apenas aquela alegria quase tonta, o riso solto, a ironia para resolver tudo rapidamente. Contas encerradas, novo par de sapatos. O mesmo tornozelo, outra tira a roçar a pele.

O jantar acabava, naturalmente. Os que tinham crianças já tinham saído. Ela preparava-se para sair. Em pé, as calças compridas não deixavam que olhasse uma última vez para o tornozelo. Não precisava, a imagem não o largava, conseguia lembrar-se da fivela que apertava a fita com um pormenor macabro.

A mulher chamou-o. Fernando olhou para ela com estranheza. O tornozelo não era dela. Não poderia ser. Aquela pele era de quem a vestia. Aquela fita tinha sido feita para aquela pele. Ninguém mais podia calçar aquela sandália. Que pensamento absurdo. Queria ter aquele tornozelo todos os dias? Passaria a ser ele a calçá-la? Imaginou a sua mulher sentada na cama, as costas dobradas, a barriga e o peito encostados às coxas, o cabelo caído a tapar-lhe a cara, as mãos a pegar nas sandálias. A imagem parava aí. Não conseguia colar o tornozelo à perna da sua mulher.

Deitaram-se a comentar o jantar. Quem esteve bem, quem esteve mal. Falaram dela. Ele tentou não se interessar muito pela conversa. A pergunta queria saltar-lhe da boca. Mudava de assunto, de comentado. Ela estava com alguém agora? Quem lhe calçaria os sapatos? Não perguntou. Adormeceu inquieto. Não com ela, mas consigo próprio. O que lhe dera? Se queria uma fantasia, podia sempre olhar para o decote da Cristina, constan-

temente disponível a partilhar com o mundo as graças com que foi presenteada. O Carlos não se importava, até ficava vaidoso do efeito que a sua mulher tinha nos outros homens, nos amigos, nos irmãos.

Acordou com uma sensação de culpa e com a boca a saber a metal. Ouviu a mulher a falar ao telefone, bem-disposta. Não tinha acontecido nada. Havia agora um tornozelo que o perseguia, só isso. Mais ninguém o podia ver. Podia viver com isso.

Durante a manhã, sentado à secretária do seu gabinete, puxou de uma folha branca, limpa, e começou a desenhar. Desenhou enquanto atendeu telefonemas. Clientes impacientes. Clientes importantes. Clientes descontentes. Não estava atento ao que lhe diziam. Pedia que enviassem por *mail*, estava no meio de um desenho de um tornozelo, aliás, de uma reunião. Informal, mas uma reunião. Que se danassem todos. Por que motivo não podia desligar o telefone? Podia. Nunca o tinha experimentado, mas podia. O director geral iria pensar que estava com clientes. O director de marketing era ele. Não lhe apetecia falar com ninguém, não queria ver trabalho à frente. Queria pensar naquele tornozelo. A tentativa de o desenhar, com medo de esquecer todo o pormenor da imagem que tinha à sua frente, só o frustrava. Nunca fora bom a desenhar, que ideia era a sua? Perdia-se por ele.

Podia imaginar aquele tornozelo na praia, com areia agarrada. Nunca tinha estado com ela na praia, mas agora contava mentalmente os meses que faltavam para

o Verão. Tinha de ver aquele tornozelo com areia agarrada. Na praia, seria fácil ter uma desculpa para lhe tocar no pé. “Tens aqui qualquer coisa, deixa ver”. Ridículo. Um homem chega aos quarenta para passar o dia a imaginar uma desculpa para tocar no pé de uma mulher. No pé, não. No tornozelo. Mais valia listar as possibilidades: tornar-se fisioterapeuta? Ortopedista? Vendedor de sapatos? Tarado ladrão de toques em tornozelos alheios?

Nunca fora dado àquele tipo de fantasias, o que se passava? Abriu o computador. Googlou a palavra fetiches. Seria um fetichista? Agora, sem aviso? Nunca tinha dado por nada. Passava os dias a tratar dos seus produtos, dos seus clientes. Chegava a casa e descontraía, sentia-se bem, brincava com os brinquedos que ia acumulando à volta do televisor do escritório. A menos que os brinquedos fossem fetiches? Estaria a substituir os fascinantes jogos da Playstation por um tornozelo? Riu-se à gargalhada com o resultado da pesquisa: «Um fetiche (do francês *fétiche*, que por sua vez é um empréstimo do português feitiço, cuja origem é o latim *facticius* «artificial, fictício») é um objeto material ao qual se atribuem poderes mágicos ou sobrenaturais, positivos ou negativos. Inicialmente este conceito foi usado pelos portugueses para referir-se aos objetos empregados nos cultos religiosos dos negros da África ocidental. O termo tornou-se conhecido na Europa através do erudito francês Charles de Brosses em 1757.» Só os portugueses para importarem uma palavra francesa formada a partir de uma portuguesa. Comprar camisolas de marca feitas em Portugal, tudo na mesma. Teve vontade

de partilhar com ela esta descoberta. Podia sempre contar a piada num próximo jantar. Ridículo, de novo: contar uma piada a um tornozelo.

Decidiu desistir da pesquisa. Se aquela obsessão continuasse, podia sempre consultar um psiquiatra, fazer terapia. Imaginava a cara do psiquiatra: “sabe doutor, não consigo parar de pensar num tornozelo.” E a resposta, com ar douto: “Caro Fernando, vejo que o amigo anda cheio de humor. Agora a sério, diga lá o que o preocupa.”

Arrumou os papéis. *Clean desk policy*. Uma secretária arrumada, negócios arrumados. Tudo organizado, tudo na sua prateleira, tudo com a sua cor. Todos os papéis têm o seu dossiê, todos os ficheiros o seu directório, todos os cliques a sua caixa. E o que fazer àquele mal amanhado desenho de tornozelo? Qual a etiqueta? Qual a categoria? Não, ela e o seu tornozelo que não pensassem perturbar o seu organizado sistema de vida. A falha começava ali e em pouco tempo seria tectónica, pronta a mandar pelos ares a vida feita ordem.

Sem hesitar, dono da sua vontade e da sua casa arrumada, atirou para o lixo o papel embrulhado. A senhora da limpeza iria levá-lo durante a noite. De manhã, quando chegasse, ajeitaria o caixote do lixo vazio até ficar exactamente a cinco centímetros do pé da secretária. Sem vestígios. Apaguei-te. Amarrotei-te. Talvez consiga apagar também o som que não cheguei a ouvir da fita a escorregar pela pele. A escorregar? A deslizar. Uma imagem não é mais forte do que a vontade de um homem. Um som também não.

Chegou a casa maldispuesto. Resmungou qualquer coisa acerca do trabalho e do cliente insatisfeito com a campanha. Foi para o computador. Iria trabalhar até cair para o lado, vencer aquele tornozelo com a eficácia com que tinha resolvido todos os problemas daquela empresa. Trabalho duro, focado, sem distrações. Sem parar para comer, se fosse o caso. Matava o tornozelo à fome. Deu uma gargalhada. Não tinha piada, não se podia afeiçoar a ele.

O resto da semana passou-a com o mesmo estado de espírito: desassossegado, maldispuesto, incapaz de deixar de pensar no tornozelo, apesar de lhe dedicar uma luta persistente, fria, silenciosa. De fora, apenas se via o homem sério de sempre, concentrado, preocupado com o seu trabalho. Com o aproximar do fim-de-semana, o humor foi mudando: passou da má disposição para uma expectativa perto da euforia. Iriam estar juntos em casa do João, seu irmão.

João gostava de fazer jantares para os amigos e fazia-o sempre que as suas viagens em trabalho lhe permitiam algum tempo em casa. Tinha uma casa espaçosa, moderna, com tudo pensado para receber. João era assim, virado para o exterior, como o terraço da sua casa. Organizava a vida em função dos momentos que podia passar com os outros e o seu grupo de amigos era alargado, diverso.

João parecia absorver as pessoas com quem se dava. Como se escolhesse os amigos pela variedade de experiências que lhe podiam passar. Como se valessem pela capacidade que tinham de manter boas conversas, de contar boas histórias. Vivia sozinho, depois de dois ca-